

Cidadania, Cultura, Educação e Jornalismo: a contribuição da obra de Sebastião Salgado para a construção de pessoas éticas e solidárias

Citizenship, Culture, Education and Journalism: the contribution of the Sebastião Salgado's work to the formation of ethical and solidary people

Roseane Maria de AMORIM¹
Madileide de Oliveira DUARTE²

Resumo

O desenvolvimento cada vez maior da tecnologia e o papel da televisão na sociedade brasileira têm destacado a função do jornalismo como veículo que permite o acesso às informações, a formação de opiniões e o debate para a construção da cidadania. Nesse sentido, compreendemos que a obra de Sebastião Salgado pode ser um elemento central na construção de pessoas éticas e solidárias dentro de uma sociedade, em que o individualismo se sobrepõe a outros valores. Assim, o objetivo do nosso manuscrito é apontar as potencialidades da obra de Sebastião Salgado, no sentido de contribuir com o debate sobre a construção da cidadania no Brasil. Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo com estudos bibliográficos e a análise de fotografias e de programas no *Youtube*. Estamos filiados aos estudos culturais, à medida que este trabalho se focaliza nos debates sobre as diferentes culturas e o modo de viver na sociedade.

Palavras-chave

Cidadania; Cultura; Educação; Jornalismo.

Abstract

The growing development of technology and the role of television in the Brazilian society have highlighted the usability of journalism as a vehicle that allows access to information, the formation of opinions and the debate for the citizenship construction. In this sense, we understand that the Sebastião Salgado's work can be a central element in the formation of ethical and solidary people within a society in which the individualism overlaps with other values. Thus, the aim of our manuscript is to point the potentialities of the Sebastião Salgado's work, in order to contribute to the debate on the citizenship construction in Brazil. We conducted a qualitative research with bibliographic studies and the analysis of photographs and programs from *Youtube*. We are affiliated to cultural studies, since this work focuses in the debates on the different cultures and the manner to live in society.

Keywords

Citizenship; Culture; Education; Journalism.

RECEBIDO EM 24 DE OUTUBRO DE 2014
ACEITO EM 16 DE JULHO DE 2015

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta II do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Setor de Fundamentos da Educação. Contato: roseane.mda@gmail.com

² Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas. Integrante do Grupo de Pesquisa: Comunicação e Significação/UFAL. Docente da UAB/UFAL, desde 2010. Desenvolve estudos transdisciplinares no campo das linguagens e acessibilidade. Contato: madileideduarte@gmail.com

No texto “*Notas sobre a experiência e o saber da experiência*”, Bondia (2002) afirma que, costuma-se pensar a educação em dois pontos de vista. Na primeira concepção, a educação é vista na perspectiva científica e técnica. No segundo aspecto, a educação é percebida na relação entre a teoria e a prática. Partindo desse pressuposto, compreende-se que somente no segundo entendimento a educação é pensada como um elemento de reflexão crítica. No primeiro ponto de vista, as pessoas, muitas vezes, são analisadas como sujeitos que estão subordinados às técnicas e que recebem informações dos diferentes espaços, inclusive das tecnologias, de forma passiva com menor ou maior eficácia. Enquanto que, no segundo ponto, as pessoas são tratadas como seres humanos que produzem história e podem transformar a sua realidade.

Para Bondia (2002), é preciso pensar a educação a partir da dualidade experiência/sentido. Neste caso, estamos entendendo a educação não como um sinônimo de escolarização, mas sim, como *locus* de aprendizagem em todos os momentos da vida das pessoas. Segundo Brandão (1983), ninguém escapa da educação, uma vez que a educação é um processo de socialização do indivíduo no mundo. De tal modo, a questão central que nos inquietou, durante a análise de algumas fotografias de Sebastião Salgado, foi: em que medida as obras de Sebastião Salgado nos ajudam a refletir sobre a educação, a ética e a cidadania? Esta pergunta se desdobra em outras: É possível, a partir da fotografia de Sebastião Salgado, o jornalismo contribuir com a formação do senso crítico das pessoas? Quais reflexões podem proporcionar as obras desse artista?

Metodologicamente, nossa pesquisa faz parte de um estudo qualitativo, que teve como linha orientadora o estudo bibliográfico associado à análise de imagens e de programas que foram utilizados pela mídia (*Youtube*). Além disso, estamos filiados aos estudos culturais. Ademais, na perspectiva dos Estudos Culturais, os discursos não podem ser compreendidos sem que se entendam as relações de poder

envolvidas na construção do conhecimento. Indagações do tipo: Por que esse conhecimento ou discurso e não outro? Por que determinadas questões são silenciadas? Essas são ideias presentes nos Estudos Culturais que estão vinculadas à dimensão política de análise da sociedade como um todo.

Para alcançarmos tais propósitos, organizamos o texto em dois momentos. Na primeira parte, é feita uma breve discussão sobre a educação, a cidadania e a cultura, permeando a análise de algumas fotografias de Sebastião Salgado. Na segunda parte, fazemos uma incursão sobre o papel do jornalismo na construção de pessoas éticas, responsáveis e solidárias.

Educação, cidadania e cultura: olhares para a fotografia de Sebastião Salgado

Educar o olhar é o grande desafio da educação na contemporaneidade. Aprender a olhar significa ver além das aparências, a ter um olhar crítico, a se perguntar sobre o mundo – o sentido da vida. “O que nos olha é o que vai além do olhar, é aquilo que nos evoca, nos capta ao olhar” (GUIDO, 2014, p. 99). Em outras palavras, é aquilo que nos toca, que mexe com o nosso ser, é a experiência que nos faz pensar, parar para olhar, pensar mais devagar, parar para sentir e cultivar a atenção e a delicadeza (BONDIA, 2002). Olhar com carinho para as pessoas (mesmo as mais distantes) e as situações.

O sujeito da experiência tem como características: a receptividade ao mundo, a abertura para a aprendizagem, o desenvolvimento da capacidade de diálogo e a crença na construção de um mundo melhor (BONDIA, 2002). A educação não se confunde com a escolarização. Nas palavras de Morin (2002), os conhecimentos não nos fazem mais felizes, contudo, a educação deveria nos ajudar a sermos pessoas melhores e humanas e a desenvolver um compromisso social perante o mundo. Educar o olhar para ver a beleza do mundo e das pessoas, bem como para aprender sempre com as situações e experiências. É, também, não repetir muitas das vivências dolorosas que a história tem nos mostrado e que insistimos em não aprender.

A partir dessa reflexão, podemos pensar, por exemplo, sobre o olhar da criança na foto abaixo produzida por Sebastião Salgado (Figura 1). A criança possui um olhar distante, como se quisesse questionar a vida e as pessoas. Esta fotografia exemplifica a exploração do homem pelo homem, a luta pela sobrevivência e as misérias humanas. A foto remete a uma criança sem infância que, desde cedo, conheceu a miséria, a guerra e a exploração. Vejamos:



Figura 1: Criança angolana após a guerra, 1997 (África)
Fonte: Sebastião Salgado (2007)³

O olhar desconsolado, distante e indagador da criança, evidenciando a devastação causada pela guerra na Angola em 1997 (África), levam-nos às seguintes indagações: Até quando vamos suportar tanta desigualdade social e crianças sem direitos? Como podemos ser verdadeiramente felizes, se não há justiça social? Há outras possibilidades de construção do mundo? Como o planeta e os seus habitantes podem suportar essas situações? Esta obra de Sebastião Salgado reflete o papel social da educação e demonstra como a desigualdade social dificulta a humanização das pessoas e não oportuniza o seu pleno desenvolvimento. Colaborando com essas reflexões, Abranches (2013, p. 59) afirma o seguinte: “penso que, de imediato, nos surge a compreensão que a

³ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=imagens+fotografia+sebastião+salgado+livro+terra&espv=2&biw=136ih=6>>. Acesso em: 30 set. 2014.

educação é um fenômeno social”. Mas um fenômeno social contextualizado, ou seja, dentro das condições que são impostas aos sujeitos no mundo.

É possível buscarmos na Grécia Antiga elementos que nos ajudem a pensar a história da humanidade. No pensamento socrático, podemos encontrar a seguinte reflexão: a necessidade de cuidar de si. Mas, o que significa o cuidado de si? O cuidar de si envolve muitas questões. Em primeiro lugar, uma atitude geral na maneira de considerar as coisas. Em segundo lugar, preocupar-se com os nossos atos e com o que fazemos com o mundo, isto é, a nossa relação com os outros. Também, uma atitude perante si: o cuidar de si. No mundo grego antigo, Sócrates inaugurou um novo modo de fazer a Filosofia. Ele não falava de coisas externas à nós. Sócrates falava de uma coisa só, a prestar atenção na vida que levamos e no que construímos perante o mundo (KOHAN, 2011).

Ao adentrarmos ainda mais no campo da História da Filosofia, podemos indagar: O que é cidadania? Como construímos cidadãos? De maneira simples, podemos dizer que a cidadania envolve a garantia aos seres humanos dos seus direitos e a garantia de que cumpram os seus deveres. Por esse ângulo, o primeiro direito humano é o direito à vida de forma digna. Tal reflexão pode nos remeter a pensar os paradoxos da nossa sociedade que se apresenta rica em recursos, mas, ao mesmo tempo, há tantas pessoas vivendo de forma miserável. Assim, é possível afirmar que, uma comunidade pautada na cidadania tem como princípio uma democracia em que todos tenham acesso aos bens culturais.

Nessa perspectiva, a cidadania no Brasil precisa envolver, pelo menos, três conjuntos de direitos: Direitos civis, Direitos políticos e Direitos sociais. Os direitos civis são aqueles fundamentais à vida, como a liberdade e a igualdade perante a lei. Por sua vez, os direitos políticos se referem à participação do cidadão no governo – a capacidade de se organizar, de votar, de ser votado e de propor mudanças na sociedade. Por conseguinte, os direitos sociais garantem a participação na riqueza coletiva, o direito a um salário justo, o direito à educação e à saúde de qualidade (CARVALHO, 2006). Ser cidadão implica lutar pelos direitos coletivos e ter responsabilidade pelas instituições constituídas no país.

Pensar, repensar e olhar com cuidado os caminhos percorridos pela nossa nação brasileira deveria fazer parte frequente da reflexão cotidiana. Por isso, indagamos: Por meio da fotografia de Sebastião Salgado, o que a humanidade vem construindo até agora? Já dissemos que a educação está em toda parte. Logo, depreendemos que na televisão e, em especial, no jornalismo deve conter, em sua programação, uma ampla proposta de contextos educativos culturais, promovendo reflexões críticas e responsáveis para um mundo melhor. Abaixo (Figura 2), trazemos outra fotografia do artista e intelectual, Sebastião Salgado.



Figura 2: Brasil, 1986
Fonte: Sebastião Salgado⁴

Na fotografia acima, cada pé representa a dureza do homem e da mulher nordestina. Pés marcados pelo trabalho com a terra, com o pesado e com a seca. Pés que mostram a falta de cuidado para com eles mesmos, devido às precárias condições de vida dessas pessoas. O tipo de solo em que os pés se encontram apoiados, as unhas e os dedos dilacerados. Tudo isso indica uma população largada à própria sorte. Sebastião Salgado faz uma denúncia a partir de sua fotografia. Ele apresenta a violência explícita e implícita que a população carente vive no Brasil. Daí é que a ética se torna um elemento-chave para a transformação da sociedade, como *lócus* de reflexão sobre a nossa ação no mundo dentro das instituições educativas, nos meios de comunicação, no trabalho, na política, na

⁴ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=imagens+fotografia+sebastião+salgado+livro+terra&espv=2&biw=136ih=6>>. Acesso em: 30 set. 2014.

economia, enfim, em todos os setores da nossa vida. Nas palavras de Pena-Vega, Almeida e Petraglia (2001, p. 44):

Eis aí o longo caminho, o difícil caminho que nós devemos percorrer. A auto-ética não nos é dada. Precisamos construí-la, e eu penso que este problema de construção implica um problema de educação fundamental, talvez desde o início da escolaridade. Daí resulta o paradoxo bem conhecido, o de saber quem educará os educadores, já que os próprios educadores, que deveriam educar, não receberam em sua formação o sentido da complexidade do mundo no qual estamos.

O desafio que se instala, ao longo da história, aponta para questões cruciais à educação. Daí, perguntamos: É possível pensar uma educação associada à transformação social? Os conteúdos vinculados aos meios de comunicação assumem uma responsabilidade social amparada em preceitos éticos? Não temos respostas definitivas para essas indagações. Todavia, são questões necessárias para serem feitas e pensadas.

Precisamos entender que, todo esse debate termina afetando o cotidiano de nossas vidas. Nas palavras de Fonte (2007, p. 29):

A educação é uma prática social que envolve decisões diversas que vão desde a escolha de saberes considerados fundamentais até a perspectiva de sujeito que se pretende formar; ela constitui, portanto, de inúmeras decisões éticas e políticas.

Vejamos mais uma fotografia de Sebastião Salgado (Figura 3):



Figura 3: Brasil, s/d | **Fonte:** Sebastião Salgado⁵.

⁵ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=imagens+fotografia+sebastião+salgado+livro+terra&espv=2&biw=136ih=6>>. Acesso em: 30 Set. 2014.

Novamente, tal como a fotografia acima, vemos pessoas simples que se deslocam em meio à fome e à miséria de suas vidas. Mas, deslocam-se para onde? No seu deslocar, estes retirantes procuram pela esperança de uma vida melhor, de uma vida cidadã. Como bem se refere Giroux (1999), precisamos de educações radicais. Educações essas que promovam nos sujeitos, a capacidade de questionar as nossas instituições e os pressupostos recebidos. A educação radical, proposta por este intelectual, tem uma natureza interdisciplinar e tem a missão de se contrapor às injustiças sociais, lutando para tornar as sociedades mais democráticas. Giroux (1999, p. 21) salienta que, precisamos desenvolver nas pessoas “a capacidade de pensar e agir criticamente. Essa noção tem uma referência dupla: para o indivíduo e para a sociedade”. Somente por esses caminhos, encontraremos respostas para as questões que nos inquietam.

Precisamos valorizar, também, as diversas culturas dos sujeitos, objetivando despertar nas pessoas o senso crítico. As culturas, assim como os diversos modos de vida das pessoas, dizem dos sujeitos e das suas histórias algo que é, ao mesmo tempo, singular e plural. Olhar, comparar, perguntar, se contrapor, inventar, ressignificar e criar; tudo isso, tendo como fio condutor uma sociedade mais justa. Precisamos ter um compromisso ético com as pessoas e com as práticas democráticas. Por isso a importância em assumirmos nosso compromisso com o planeta e com cada espécime existente. É o que explica e propõe o próprio Sebastião Salgado em suas memórias:

“Gênesis” me fez ter consciência de que de tanto nos afastarmos da natureza, com a urbanização, nos tornamos animais muito complicados; de tanto nos tornarmos estrangeiros no planeta, nos tornamos seres estranhos. Mas não se trata de um problema insolúvel. A solução passa pela informação – e ficarei feliz se puder ter contribuído com ela. Gostaria que compreendessem que a saída para o perigo corrido pelos homens e por todas as espécies do planeta não é voltar para trás, mas voltar-se para a natureza (SALGADO, 2014, p. 145).



Figura 4: Pesca para festa *Quarup* – Índios no Alto Xingu, Brasil (*Gênesis*, 2013)
Fonte: Sebastião Salgado⁶

É por isso que, ao se referir aos índios, cujas fotografias retratam amplamente as culturas indígenas (exemplificadas na Figura 4), Sebastião Salgado assegura que a proteção da natureza e de todos os animais do planeta, incluindo o próprio homem, passa pelos “guardiões das florestas”. Isto é, os índios espalhados por todo o planeta.

Ainda, na Figura 4, podemos observar efeitos técnicos na fotografia de Sebastião Salgado, tendo em conta, também, a sua experiência anterior com o foto-jornalismo.

Às dimensões do papel ou do diapositivo, o repórter acrescenta: a) a dramaticidade, atribuída aos efeitos de luz e sombra, bem como à relação sintática entre os elementos fotografados; b) a profundidade, que se obtém pelo domínio da perspectiva e dos planos; c) o movimento, sugerido pelas posições de desequilíbrio ou pelo dinamismo atribuído aos elementos (LAGE, 1986, p. 26).

Conforme anteriormente esclarecido, na segunda parte deste trabalho, próxima seção, trataremos do papel do jornalismo na construção de pessoas éticas, responsáveis e solidárias.

⁶ Disponível em: <http://content-portal.istoe.com.br/istoeimagens/imagens/mi_7289101617656424.jpg>. Acesso em: 05 out. 2014.

A obra de Sebastião Salgado na programação da televisão brasileira

No *Youtube*, foram encontrados programas recentes de TV, de cunho jornalístico, em que as fotografias de Sebastião Salgado foram apresentadas como um referente humanitário – uma representação planetária. Essas fotografias se amalgamam, inclusive, com a história de vida de seu autor, cuja sensibilidade estética nos conduz a algo que vai além do referente. Do estético, ao ético, ao analítico, é possível encontrar elementos convergentes na perspectiva de uma obra revolucionária reflexiva que promove um mundo melhor para a humanidade. Bem se percebe esse anseio por um mundo melhor, de forma ilustrativa, ao se observar o investimento do Instituto Terra entre os anos de 2001 e 2013, subsidiado por Sebastião Salgado e sua esposa Lélia, para o reflorestamento da Fazenda Bulcão, Aimorés, Minas Gerais, Brasil. Sebastião Salgado, em seu livro *Da minha terra à Terra*, apresenta o antes e o depois dessa fazenda, apresentando o paralelo entre duas de suas fotografias dispostas lado a lado no referido livro (ver, SALGADO, 2014).

No campo midiático, há espaços consideráveis para reflexão: do estético, ao ético, à formação de opiniões. Para exemplificar, a partir de algo visto no campo das comunicações, recentemente, um filme do ano de 2009 – *The First Grader* –, recém-chegado ao Brasil⁷, chamou a nossa atenção no conjunto destes pensamentos iniciados por aqui. *The First Grader* tem seu enredo baseado em uma história real, cujo protagonista (Maruge), aos 84 anos de idade, ainda luta pela sua independência existencial. Em toda a trama, o objetivo principal de Maruge é a decifração das palavras no mundo letrado, para conseguir, afinal, ter acesso à compreensão de sua anistia por meio da leitura da carta do presidente de seu país (Quênia). O enredo do filme apresenta a educação como algo fundamental para o equilíbrio existencial humano. De tal modo, o campo das mídias difunde cenas da vida real entre a ficção do cinema.

⁷ THE FIRST GRADER (Uma Lição de Vida). Direção: Justin Chadwick. Roteiro: Ann Peacock. Europa Filmes, 2014. 1 DVD (104 min.), widescreen, color, dublado. EUA.

Santaella (2005) nos esclarece que:

Processos comunicativos não são epifenômenos sociais. Ao contrário, a introdução de novos meios de comunicação conforma novos ambientes culturais, sendo capaz de alterar as interações sociais e a estrutura social em geral. Isto assim se dá especialmente porque os meios de comunicação são inseparáveis do nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma dada sociedade, de modo que eles estão sempre inextricavelmente atados ao modo de produção econômico-político-social (SANTAELLA, 2005, p. 9-10).

Naquilo que Santaella denomina de *cultura das mídias*, podemos entender os intercruzamentos entre comunicações e artes, quando ela afirma que:

Característica marcante da cultura das mídias está na intensificação das misturas entre as mídias por ela provocada: filmes são mostrados na televisão e disponibilizados em vídeo; a publicidade faz uso da fotografia, do vídeo e aparece em uma variedade de mídias; canais de TV a cabo especializam-se em filmes ou em concertos, óperas e programas de arte etc. (SANTAELLA, 2005, p. 14).

Com a popularização das artes nos meios de comunicação, houve um grande aumento na quantidade e no tamanho dos museus e das galerias, bem como da procura das pessoas por tais espaços culturais. Por outro lado, muitos artistas fazem uso das novas tecnologias para as suas criações, como também para a expansão da disseminação dessas obras nos vários meios midiáticos. Assim, a sociedade ganha com essas possibilidades de acessos intercruzados (SANTAELLA, 2005).

A escolha da televisão para noticiar, debater e contextualizar a obra de Sebastião Salgado, na perspectiva da cidadania, tem em conta o papel significativo e de longo alcance que este veículo de informação jornalístico tem desempenhado na sociedade brasileira.

Em seu livro, *A televisão levada a sério*, Machado (2005) explica que:

[...] a televisão opera numa tal escala de audiência, que nela o conceito de "elitismo" fica completamente deslocado. Mesmo o produto mais "difícil", mais sofisticado e seletivo encontra sempre

na televisão um público de massa. A mais baixa audiência de televisão é, ainda assim, uma audiência de várias centenas de milhares de telespectadores, e, portanto, muito superior à mais massiva audiência de qualquer outro meio, equivalente à *performance* comercial de um *bestseller* de literatura (MACHADO, 2005, p. 30).

Como um meio de produção cultural, a televisão foi se transformando, através da imagem e do som – desde a sua criação, no final dos anos 1940 –, quanto a sua linguagem, a sua tecnologia, a sua economia e as condições de recepção (MACHADO, 2005).

Para entrarmos nos meandros da programação televisiva, é importante se ater à dinamicidade atribuída ao termo gênero. Casey et al. (apud SILVA, 2011, *online*) trata da fragmentação e da hibridização, características de uma pós-modernidade, que marcam os produtos culturais no campo midiático. Nesse sentido, voltamos à Machado (2005), quando ele diz que os gêneros:

Eles existem em grande quantidade, chegam a ser mesmo inumeráveis, aparecem e desaparecem ao sabor dos tempos, alguns deles predominam mais num período do que em outro, ou mais numa região geográfica do que em outra, muitos deles subdividem-se em outros gêneros menores. [...] como colocar no mesmo pé de igualdade eventos audiovisuais tão distintos entre si, como a narrativa de ficção seriada, a transmissão ao vivo de uma partida esportiva, o pronunciamento oficial de um presidente, um videoclipe, um debate político, uma aula de culinária, uma vinheta com motivos abstratos, uma missa ou um documentário sobre o fundo do mar? (MACHADO, 2005, p. 70-71).

Há muitas razões para se acreditar que a televisão pode ser levada a sério. Como instrumento da cultura, ela nos dá pistas da diversidade que esse acesso possibilita, necessariamente, sem que saíamos de casa, ou provocando a saída dos lares para um compartilhamento social, como ilustrado por Santaella.

Entre os anos de 2005 e 2006, o projeto de pesquisa “*Literatura e Televisão: a intersemiose em Hoje em Dia de Maria*”⁸ tratou, com certa

⁸ Projeto de Pesquisa vinculado ao Centro Universitário CESMAC, cuja redação do relatório final foi publicada no ano seguinte (2007), no livro *Comunicação e Pesquisa: Região, Mercado e Sociedade*

propriedade, do lugar em que a mídia televisiva tem ocupado na sociedade, especialmente, por incorporar para dentro de si elementos: da literatura, do teatro, do rádio, da revista, do cinema, das artes plásticas, da fotografia etc. E, a cada novo investimento tecnológico, multiplicam-se os modos operativos de inovação em sua programação.

Com isso, os variados formatos de programação televisiva, que noticiam a obra de Sebastião Salgado, fazem com que o telespectador tenha, em um rápido ou mais prolongado tempo, acesso a uma amostragem do acervo fotográfico e a indícios de sua gênese.

Muito embora os gêneros não sejam algo de fácil delimitação na contemporaneidade, tomaremos como base os aspectos tratados por Arlindo Machado (2005), que nos auxiliam no percurso assumido para a análise aqui realizada. Destacaremos dois gêneros: (1) o **diálogo** – modalidades: entrevista, debate e monólogo com interlocuções; e (2) o **telejornal**. Eles serão os meios de mediação entre Sebastião Salgado e as indagações tratadas na primeira parte desta comunicação.

Para ilustrar este momento da análise, foram escolhidos programas capturados em vídeos postados no *Youtube*, disponibilizados em 2013 e 2014, como: Programa do Jô (entrevista), Fantástico (entrevista), Roda Viva (debate), Aula Magna transmitida ao vivo pela TV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (monólogo com interlocução) e Jornal da Globo (telejornal).

Os diálogos: Entrevistas

O **Programa do Jô**⁹, no dia 6 de setembro de 2014, voltou-se unicamente ao entrevistado, o fotógrafo Sebastião Salgado. Um pouco mais de uma hora, entre um encontro descontraído e a exibição das fotografias no telão, componente frequente no cenário desse programa. A transmissão do Programa Jô foi dada pelos estúdios da Rede Globo de televisão em São Paulo e pela CBN. O programa comumente reúne

Digital, organizado por Giovandro Marcus Ferreira e Edson Fernando Dalmonete, sob a autoria de: Fabrícia Barbosa de Omena (bolsista); José Nilton Santos de Vasconcelos (bolsista); Madileide de Oliveira Duarte (professora-orientadora).

⁹ PROGRAMA DO JÔ. Rede Globo de Televisão. **Sebastião Salgado**. 01 h, 01 min e 47 segs. Transmitido em 06/09/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KB80Vn_rzc>. Acesso em: 16 set. 2014.

“entrevistas informativas, humor e diversão”, por isso, chamado de *talk show* (SILVA, 2011, *online*).

O *talk show* se aproxima do debate filosófico socrático, pela confrontação de pontos de vista sobre um assunto predeterminado e a mediação do apresentador na provocação da verdade (MACHADO, 2005). Na concepção do diálogo como gênero, o método dialógico se caracteriza pela busca da verdade (BAKHTIN *apud* MACHADO, 2005).

O programa tem início. Jô Soares, o âncora do programa, chama a atenção da plateia para a importância daquele que será o convidado da noite. Faz a exibição de fotografias previamente escolhidas para o diálogo. Um fundo musical acompanha o desfile das imagens sequenciadas, para só então, a entrevista ter início, quando o convidado chega ao palco pelo anúncio – “Sebastião venha pra cá”. Jô e Sebastião Salgado se confraternizaram, simultaneamente ao som do sexteto que acompanha o apresentador em todo o tempo do programa. Inicia-se o diálogo entre Jô e Sebastião Salgado, em um bate-papo que se estabelece quase que informalmente e como se fosse em tempo real, mediante a plateia e os demais integrantes da equipe do Jô. Dividido em quatro blocos, as vinhetas sinalizam as paradas necessárias para os *spots* (chamada para a publicidade). O programa se reinicia e finaliza com vários aplausos e o “beijo do gordo” (sua marca consagrada).

O diálogo estabelecido leva em conta, inicialmente, ou em grande maioria, a publicação do livro *Gênesis*. Como os programas escolhidos para análise são entre os períodos de 2013 e 2014, a temática mais discutida se dá em torno dessa recente publicação, com ênfase nas trajetórias de vida e obra. Uma vez que Sebastião Salgado é especialista no assunto abordado, suas respostas às perguntas de Jô Soares saem naturalmente e de maneira dialógica, tendo em vista conhecimentos prévios do apresentador sobre vida e obra do convidado.

Sebastião Salgado, à medida que comenta as fotografias escolhidas por Jô (no livro *Gênesis* e no telão), contextualiza historicamente e tecnicamente sua obra, enquanto nos alerta para a proteção necessária ao patrimônio ecológico ainda existente no Brasil e no mundo.

Na sequência das primeiras perguntas agrupadas, na parte inicial deste artigo, após acompanhar detalhadamente o tempo do diálogo estabelecido no programa do Jô, é possível perceber que o desfile das várias fotografias de Sebastião Salgado no telão do programa, juntamente com as contextualizações explicativas do nosso interlocutor, nos faz refletir acerca da educação, da ética e da cidadania – reflexões possibilitadas pelas várias informações tratadas a partir do estabelecimento desse diálogo. Na finalização do primeiro e segundo blocos, as palavras de Sebastião Salgado se repetem intimistas, no sentido de que haja mais educação por parte da sociedade, especialmente com relação ao respeito humano e ao respeito à natureza. As fotografias indicam isso quando o apelo do olhar da criança angolana (retomar a Figura 1), nos orienta para essa preocupação apresentada por Sebastião Salgado.

Outro programa televisivo, parte desta análise, é o **Fantástico**¹⁰. A editoria do **Fantástico**, com características semelhantes à diversidade da editoria de uma revista impressa, trata da “prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários exclusivos, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência, além de um espaço para a experimentação de novas ideias e formatos”¹¹.

Estreado no ano de 1973¹², foi apenas mais adiante, com o advento da *internet*, que o programa *Fantástico* se transformou em uma revista eletrônica com acesso, em geral, pela *internet*. “A incorporação e mesclagem de gêneros funcionariam no *Fantástico*, pois se propunha a ser uma revista e, como tal, com sessões bem demarcadas” (SILVA, 2011, *online*).

Publicado no *Youtube*, em 18 de agosto de 2013, o vídeo escolhido para análise neste do programa da rede Globo é apresentado nas vozes

¹⁰ FANTÁSTICO. Rede Globo de Televisão. **Sebastião Salgado conta história do início do mundo em fotos e livro da exposição Gênesis**. 05 min e 22 segs. Publicado em 18/08/2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/sebastiao-salgado-conta-historia-do-inicio-do-mundo-em-fotos-e-livro-da-exposicao-genesis/2766488/>>. Acesso em: 17 set. 2014.

¹¹ Disponível em: <<http://comercial.rpctv.com.br/programas/fantastico/>>. Acesso em: 22 set. 2014.

¹² Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fant%C3%A1stico>>. Acesso em: 19 set. 2014.

dos jornalistas Zeca Camargo e Renata Ceribelli, com uma reportagem sobre a exposição fotográfica de Sebastião Salgado.

Diferente da notícia que é simples e objetiva, a reportagem é rica em detalhes de informações, por isso, ela gera um interesse maior e exige um cuidado a mais na apuração dos fatos, na verificação das fontes, para que o texto não corra o risco de se tornar confuso (XAVIER; RODRIGUES, 2013, p. 1).

A reportagem, anunciada pelos apresentadores, dar-se em cenários naturais, com a transposição de Zeca Camargo de um cenário para o outro. É em Paris que se dá o diálogo entre os dois. Em um tempo de 05 minutos e 22 segundos apenas, a reportagem trata de maneira interativa do lançamento do livro *Gênesis* e da sua exposição na França e em outros países. A especificidade do rápido tempo de reportagem requer de toda a produção um conjunto de informações que assegure a maior veracidade possível às informações ali prestadas. Por isso, o testemunho dos fatos, os aspectos sonoros e as imagens gravadas são elementos essenciais para a credibilidade e a motivação do telespectador para o assunto em pauta (BARBEIRO; LIMA, 2005). Quanto ao cenário, os espaços naturais evidenciam ainda mais esta aproximação do telespectador com os fatos narrados, uma vez que a função do cenário é "atuar como elemento de significação para uma encenação" (CARDOSO et al., 2005).

Palavras-chave acompanham a voz de Sebastião Salgado, junto com a sua imagem e as suas fotografias. Por outro lado, a exposição das fotografias no Rio de Janeiro tem aspectos diferenciados, visto que as imagens são dispostas no ambiente externo ao museu, também de maneira a misturar a paisagem urbana e as imagens projetadas em tamanhos maiores, acessível ao público, gratuitamente, conservando um aspecto interativo de visualidade da obra.

Ainda na instantaneidade da reportagem, Zeca Camargo se transporta para outro cenário natural – Instituto Terra¹³ – para noticiar a recuperação da natureza, na Fazenda Bulcão (zona rural brasileira em Aimorés), no estado de Minas Gerais. Os entrevistados certificam a

¹³ Disponível em: <http://www.institutoterra.org/pt_br/midiaGalery.php#.VDadpWddUgh>. Acesso em: 19 set. 2014.

amizade de infância com “Tião” (Sebastião Salgado), além de confirmarem a importância de seu trabalho ambiental, dando maior veracidade à informação ali tratada. Nas palavras de Pedrosa (2004):

É merecedor de maior credibilidade o testemunho presencial que o receptor de uma transmissão de outro. Assim como nos julgamentos costumava-se dar mais crédito ao testemunho ocular que a um testemunho de ouvidos (PEDROSA, 2004 *apud* FERREIRA, 2014, p. 28).

Na sequência das perguntas, que denominamos como segundo bloco, temos: Até quando vamos suportar tanta desigualdade social e tantas crianças sem direito a serem crianças? Como podemos ser verdadeiramente felizes, se não há justiça social? Há outras possibilidades de construção do mundo? Como o planeta e os seus habitantes podem suportar tais situações?

A partir do que foi examinado e descrito neste campo do diálogo, resumidamente, podemos dizer que é a educação do olhar, do ouvido e de nosso repertório de informação que devem ser depurados com a instantaneidade da notícia-convite. Para isso:

Se o homem exercita bem seus sentidos, ou melhor, quanto maior for sua experiência colateral na apreensão das coisas do mundo, da maneira como se apresentam a realidade, maior probabilidade em reconhecer a constituição lógica das coisas, da maneira como se estabelecem nesse mundo (DUARTE, 2007, p. 2).

O percurso é longo, mas a presença de trabalhos como os de Sebastião Salgado, apresentados às famílias brasileiras na noite de domingo, tem como característica a chamada para um mundo melhor. Um mundo bem melhor que os pés descalços, unhas e dedos dilacerados, encontrados no nordeste brasileiro (retomando a Figura 2).

Do debate ao monólogo com interlocução

O programa **Roda Viva**¹⁴, da TV Cultura, é característico por uma bancada de entrevistadores que estabelece, em várias vozes, um diálogo por diferentes ângulos de participação e discussão.

¹⁴ RODA VIVA. TV Cultura. **Sebastião Salgado**. 1 h e 31 min. Transmitido em 16/09/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOoikZq5p60>>. Acesso em: 16 set. 2014.

O programa tem início com a sonora de sua vinheta, que apresenta no telão os bastidores e os repórteres participantes da produção “do estúdio/redação, para que o telespectador acompanhe um cenário mais amplo com outros jornalistas em cena e possa receber e decifrar novas mensagens” (BARBEIRO; LIMA, 2005, p. 79). Na sequência, a introdução de uma voz feminina, em *off*, anuncia Sebastião Salgado e sua fotografia, enquanto aparece, simultaneamente, variadas imagens na tela. A repórter não aparece em cena: “obediente ao fluxo de imagens, dará indicação de nomes, local e tempo do que está sendo mostrado” (LAGE, 1986, p. 65).

Após esta introdução, o ângulo cenográfico passa a ser o espaço do programa propriamente dito – a Roda Viva. As câmeras se movimentam, com Sebastião Salgado ao centro. Interlocutores a sua volta, especialistas em várias áreas, como: fotografia, antropologia, fotojornalismo, publicidade e meio ambiente. Também, um chargista, alguns convidados na parte mais periférica do cenário – prestando atenção em todos os diálogos – e diversos cinegrafistas que, em alguns momentos, mostram o convidado em diferentes planos, de maneira que o telespectador esteja sempre informado visualmente quem é o centro das atenções para o efetivo debate. A vinheta acompanha a chamada de entrada e saída do programa, bem como os intervalos comerciais.

Em alguns momentos, à medida que Sebastião Salgado responde às perguntas da bancada, fotografias desfilam no telão. O debate permeia pelas fotografias existentes nos livros: *Trabalhadores* (1996), *Êxodos* (2000) e *Gênesis* (2013).

Como o próprio nome sugere, na “Roda Viva” há um movimento de câmeras para que o telespectador, sob os vários ângulos, observe o debate e tire suas próprias conclusões sobre os assuntos tratados: da vida a obra de Sebastião Salgado. De sua história à história da técnica empregada na concepção de seu trabalho. Das questões geopolíticas, da economia à arte, à fotografia em preto e branco.

Assim como no programa do Jô, o Roda Viva também se estabelece em quatro blocos, intercalados pelas vinhetas.

A presença do cartunista e chargista Paulo Caruso, que ilustra de maneira bem-humorada as passagens das falas durante o debate, é um

ingrediente a mais para a expectativa de interatividade com o telespectador.

Sebastião Salgado volta a chamar a atenção de todos para a importância das questões educativas, com relação ao respeito aos índios e ao respeito aos animais, começando pelo trabalho nas escolas da educação básica brasileira.

Da bancada de debatedores do Programa Roda Viva, seguimos para o monólogo com interlocuções na **Aula Magna** transmitida ao vivo pela TV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGSTV, 2014). O recorte destaque para esta análise se sustenta naquilo que Machado (2005) apresenta como uma das formas discursivas. Diz ele que, o monólogo “pressupõe algum tipo de interlocução com um diretor oculto ou com o telespectador” (p. 72). Salvo algumas exceções na televisão, em geral, o discurso oral favorece esta forma de recepção.

Uma voz jovem, em *off*, aparece na sonora inicial da TV da UFRGS, que mostra uma filmagem das pessoas chegando ao anfiteatro da universidade e também as pessoas já acomodadas na plateia para assistir a Aula Magna. No anfiteatro, a tradução em libras se faz presente durante o processo dessa escuta.

Em quase duas horas de vídeo, é possível perceber a plateia em silêncio, na atenção voltada à palestra de Sebastião Salgado. Por dois momentos distintos, há a exibição de inúmeras fotografias no telão ao som de sinfonias musicais. Sebastião Salgado, durante a sua palestra, viaja no tempo da memória para explicar a sua trajetória de vida, fotografando – pessoas, animais e natureza – em cada canto do planeta.

Na condição de contador de histórias (como ele próprio se autodenomina), as histórias se inter cruzam pela intensificação das inúmeras fontes das pesquisas encontradas, além dos livros impressos e *sites*, bem como outros vídeos informativos encontrados no *Youtube*¹⁵. Por

¹⁵ Pesquisa entre os meses de agosto e outubro de 2014. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/espacopublico/episodio/sebastiao-salgado-participa-do-espaco-publico>>; <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2664968-EI6782,00-Sebastiao+Salgado+A+Africa+sempre+foi+um+enigma.html>>; <<http://globo tv.globo.com/globo-news/roberto-davila/v/roberto-davila-fotografo-sebastiao-salgado-mostra-seu-atelie-em-paris/3569716/>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=dbJLj733pkm>>. Acesso em: 09 ago. 2014, 15 set. 2014 e 02 out. 2014, respectivamente.

isso, ao pensar a fotografia de Sebastião Salgado, na concepção de que a fotografia conta uma história, poderemos fazer um paralelo ao tratado por Sontag (2004, p. 192): “o que na realidade está separado, a imagem une”. Então, se a fotografia une, ela conta uma história.

Com a finalização da exibição do segundo conjunto de imagens no telão, juntam-se a Sebastião Salgado sua esposa Lélia e dois professores da UFRGS, para um diálogo em torno das perguntas impressas realizadas pela plateia no tempo da palestra.

Por fim, esta análise segue em mais um bloco de indagações: É possível pensar uma educação associada à transformação social? Os conteúdos vinculados aos meios de comunicação assumem uma responsabilidade social amparada em preceitos éticos? Daí, respondemos que Sebastião Salgado iniciou a sua trajetória como fotógrafo a partir do ofício de fotojornalismo e, nesse sentido, o seu trabalho se aproxima intimamente do trabalho jornalístico investigativo. Segundo Lage (1986, p. 26), o processo de produção deste tipo de fotografia “trata-se de selecionar e enquadrar elementos semânticos de realidade de modo que, *congelados* na película fotográfica, transmitam informação jornalística”. De maneira geral, extraímos dessas informações processos reflexivos altamente educativos.

Então, em *Êxodos* (2000), quando Sebastião Salgado indica, na imagem dos retirantes nordestinos, um quadro social de época (Figura 3), o diálogo entre jornalismo e artista, sob o nosso olhar, se dá de maneira responsável, ética e no caminho do pensamento de uma transformação social, inclusive.

O telejornal *Jornal da Globo*¹⁶

O telejornal, “como um efeito de mediação” (MACHADO, 2005, p. 102), se traduz através do olhar do repórter, aquele considerado testemunha ocular da realidade. Por isso, “aparência, entonação e

¹⁶ JORNAL da Globo. Rede Globo de Televisão. **Nova exposição de fotos de Sebastião Salgado chega ao Rio de Janeiro.** 02 min e 21 segs. Publicado em: 27/05/2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/nova-exposicao-de-fotos-de-sebastiao-salgado-chega-ao-rio-de-janeiro/2599555/>>. Acesso em: 17 set. 2014.

expressão facial tornam-se a moldura que determina o entendimento dos fatos” (LAGE, 1986, p. 27).

O modelo de telejornal, derivado da prática radiofônica e apoiando-se, basicamente, em um locutor que lê um *script*, tem no jornalismo da Rede Globo um dos exemplos marcantes para a disseminação da notícia. O âncora, William Waack, anuncia/noticia o assunto, para que, em seguida, a voz em *off* da jornalista Lilia Teles descreva as imagens fotográficas de Sebastião Salgado. Na transposição para o cenário da exposição fotográfica no Jardim Botânico, Lilia Teles se faz mais próxima à reportagem, de maneira que o convite à exposição se aproxima ainda mais do telespectador, e na instantaneidade do tempo jornalístico.

As vozes em *off* que se caracterizam como introdutórias às informações tratadas nos programas de televisão analisados – Fantástico, Roda Vida e Aula Magna – podem ser consideradas sonoras e com um tom mais convidativo, tratado também pelo Jornal da Globo.

São apenas 2 minutos e 21 segundos, os quais indicam a exposição fotográfica de Sebastião Salgado no Rio de Janeiro, cuja capital brasileira é um dos locais escolhidos por seus curadores para a referida exposição. Instalação fotográfica fora e dentro do Museu do Meio Ambiente, no Jardim Botânico no Rio, no período de 29 de Maio de 2013 a 25 de Agosto de 2013 – tempo em que a notícia foi disseminada pelo Jornal da Globo e Fantástico, do início até o final da exposição.

Nas palavras de Sontag (2004, p. 157): “A adoção da fotografia pelo museu só acelera um processo que o tempo trará, de um modo ou de outro: tornar toda obra valiosa”.

Daí, para fecharmos o último bloco de perguntas, questionamo-nos: Por meio da fotografia de Sebastião Salgado, o que a humanidade vem construindo até agora? Já dissemos que a educação está em toda parte. Logo, depreendemos que a televisão, e especialmente o jornalismo, deve expor, em sua programação, uma ampla proposta de contextos educativos culturais, promovendo reflexões críticas e responsáveis perante um mundo melhor. Nossa compreensão vem com o exercício do olhar tratado por aqui, o qual a obra de Sebastião Salgado nos possibilita ver/sentir. Há muito que se fazer na (re)construção dos sentidos nas mídias. É um longo caminho a se percorrer em sociedade.

Considerações Finais

A autobiografia *Da minha terra à Terra* (SALGADO, 2014) reúne, em um só lugar, a vida e a obra de Sebastião Salgado, de modo que é possível perceber, no interior de suas páginas, uma relação direta entre as palavras lá escritas e os programas escolhidos para análise neste estudo.

Como um bom contador de histórias, Sebastião Salgado dá indícios de sua extensa capacidade de compreensão e intervenção no mundo, como contribuição para uma vida melhor no planeta. Por outro lado, a televisão, através dos programas disponibilizados no *Youtube*, traduz este sentido em rede, ora por meio de suas fotografias, ora por meio de seus depoimentos orais e dialogados.

Por isso, a partir dos dizeres de Bondia (2002), a apropriação da técnica pode se traduzir, muitas vezes, como movimento das pessoas para a reflexão crítica e a transformação de realidades, dependendo das intencionalidades dos seres humanos.

Enfim, retomando as nossas palavras ditas anteriormente, olhar para aquilo que nos toca – que mexe com o nosso ser – é a experiência que nos faz pensar, parar para olhar, pensar mais devagar, parar para sentir e cultivar a atenção e a delicadeza, olhar com carinho para as pessoas (mesmo as mais distantes) e as situações diversas (BONDIA, 2002).

O exercício da solidariedade e da ética é uma questão que precisa ser muito debatida entre nós. Nossas potencialidades criativas nos favorecem criar e recriar o tempo todo – (re)criar o tecido social em que vivemos. Mesmo assim, para transformar a vida real em algo melhor e para transformar ações éticas em um planeta melhor, eis um longo percurso a seguir. Acreditamos que a música *Politik Kills*, do cantor francês Manu Chao¹⁷, traduz bem as nossas palavras finais em diálogo com a obra de Sebastião Salgado, bem com as palavras de Sontag (2004), quando ele diz que o espaço do museu, enquanto espaço de disseminação da arte, acelera o processo para tornar toda uma obra valiosa. Espaço já em aceleração no Instituto Terra.

¹⁷ CHAO, Manu. *Politik Kills*. In: CHAO, Manu. **La Radiolina**. Londres: Because Music, 2007. 1 CD. Faixa 3.

Referências

- ABRANCHES, Sérgio. Educação e sociedade: uma abordagem sociológica do pensamento de Paulo Freire. In: SANTIAGO, Eliete; BATISTA NETO, José. **Paulo Freire e a educação libertadora: memórias e atualidades**. Recife: Editora da UFPE, 2013.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo R. de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- BONDIA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2012.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CARDOSO *et al.* As categorias de Peirce no cenário televisivo. Congresso Internacional de Semiótica – Brasil, Identidade e Alteridade, 2005, 2., São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Semióticos/PUC-SP, 2005.
- CARVALHO, José M. de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DUARTE, Madileide de O. Convergências: campo comunicacional, semiótica e imagem. Congresso Internacional de Semiótica, 2007, 3., Vitória. **Anais...** Vitória: Associação Brasileira de Estudos Semióticos/UFES, 2007.
- FANTÁSTICO. Rede Globo de Televisão. **Sebastião Salgado conta história do início do mundo em fotos e livro da exposição Gênesis**. 05 min e 22 segs. Publicado em 18/08/2013. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/fantastico/v/sebastiao-salgado-conta-historia-do-inicio-do-mundo-em-fotos-e-livro-da-exposicao-genesis/2766488/>>. Acesso em: 17 Set. 2014.
- FERREIRA, Patrícia G. **Medida certa do espetáculo: mito e jornalismo na série sobre saúde do Fantástico**. 2014. 75 f. Monografia (Graduação em Comunicação/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- FONTE, Sandra S. D. Educação e filosofia: Reflexões sobre a agenda pós-moderna. **Studium, Revista de Filosofia**, n. 20, p. 9-32, 2007.
- GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: Novas políticas em educação**. Trad. Magna França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- GUIDO, Lucia E. O que vejo e o que desejo ver nas fotografias de Sebastião Salgado? **Revista Linha Mestra**, n. 24, p. 96-107, 2014.
- JORNAL DA GLOBO. Rede Globo de Televisão. **Nova exposição de fotos de Sebastião Salgado chega ao Rio de Janeiro**. 02 min e 21 segs. Publicado em 27/05/2013. Disponível em:

<<http://globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/nova-exposicao-de-fotos-de-sebastiao-salgado-chega-ao-rio-de-janeiro/2599555/>>. Acesso em: 17 Set. 2014.

KOHAN, Walter O. **Sócrates e a educação**: O enigma da filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO, Arlindo. **A televisão**: levada a sério. 4. ed. São Paulo: Senac, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MUSEU DO MEIO AMBIENTE (21/05/2013). **Genesis**: jornada fotográfica de Sebastião Salgado. Exposição Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 29/05/2014 a 25/08/2014. Disponível em:

<<http://museudomeioambiente.jbrj.gov.br/noticia/genesis-jornada-fotografica-de-sebastiao-salgado>>. Acesso em: 21 Out. 2014.

PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide R. S.; PETRAGLIA, I. (Orgs.).

Edgar Morin: Ética, cultura e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

PROGRAMA DO JÔ. Rede Globo de Televisão. **Sebastião Salgado**. 01 h, 01 min e 47 segs. Transmitido em 06/09/2013. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KB80Vn_-rzc>. Acesso em: 16 Set. 2014.

RODA VIVA. TV Cultura. **Sebastião Salgado**. 1 h e 31 min. Transmitido em 16/09/2013. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=tOoikZq5p60>>. Acesso em: 16 Set. 2014.

SALGADO, Sebastião. **África**. Colônia: Taschen, 2007.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à terra**. Trad. Julia da Roisa Simões. São Paulo: Paralela, 2014.

SALGADO, Sebastião. **Fotografias de Sebastião Salgado**. [Online]. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=imagens+fotografia+sebastião+salgado+livro+terra&espv=2&biw=136ih=6>>. Acesso em: 30 Set. 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 1995.

SILVA, Fernanda Mauricio da. A construção do *talk show* no Brasil: uma breve história cultural de um gênero televisivo em formação. Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana – CONFIBERCOM, 2011, 1., São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2011.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

UFRGSTV. TV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Aula Magna - Sebastião Salgado**. 01 h, 57 min e 1 seg. Publicado em 18/03/2014. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=_ZIMrU6XzR4>. Acesso em: 19 Set. 2014.

XAVIER, Aline; RODRIGUES, Liliana. Técnicas e práticas para elaborar reportagens telejornalísticas. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Intercom, 2013, 12., Manaus. **Anais...** Manaus: UNINORTE, 2013.

